

# O PANORAMA.

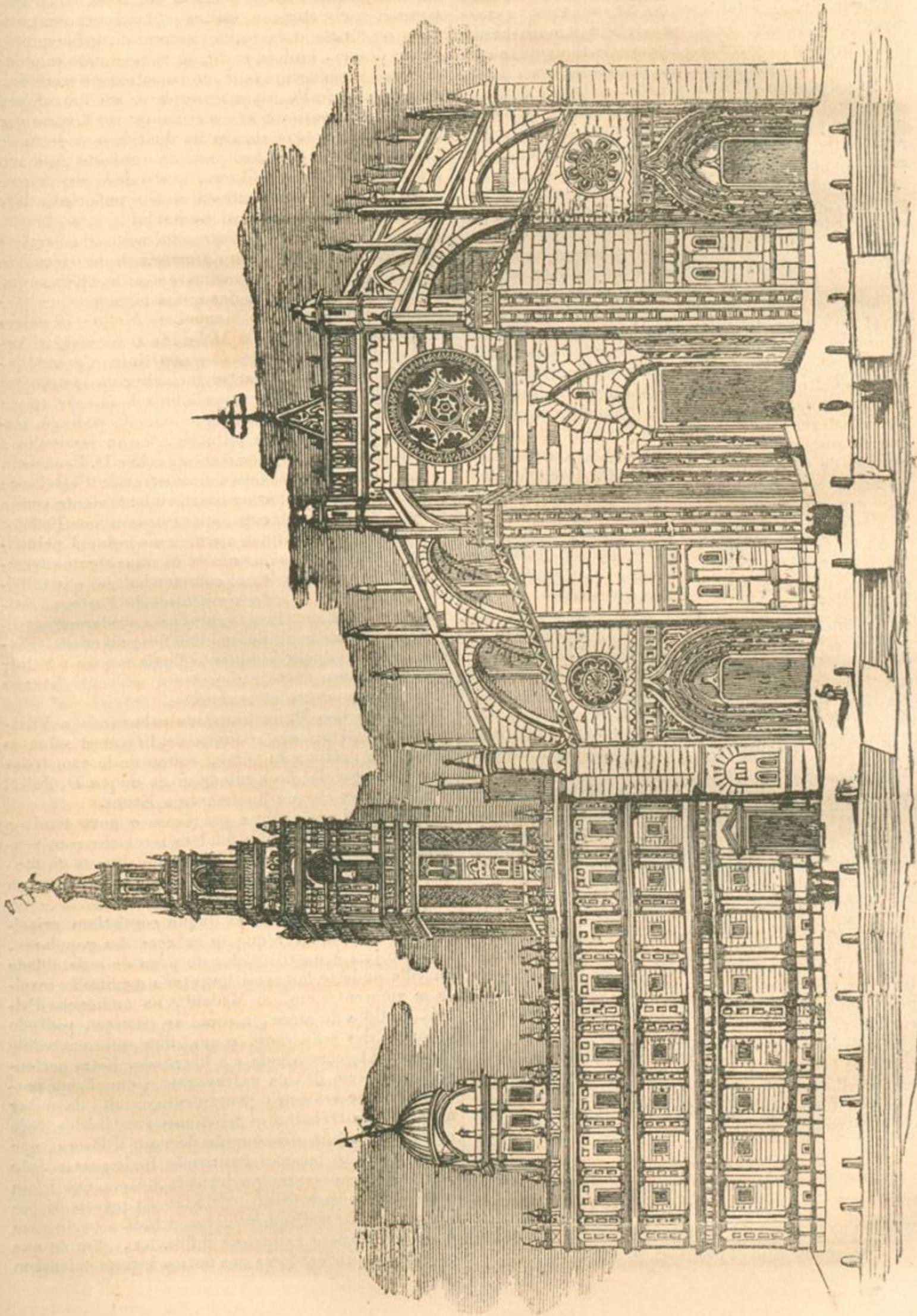
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

137)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 14, 1839)



A SÉ DE SEVILHA.

## A CATHEDRAL DE SEVILHA.

A CATHEDRAL de Sevilha é um edificio tão esplendido, tão magnifico no exterior, e tão ricamente adornado no interior, que merece distincto lugar entre os mais nobres da mesma natureza, afamados na Europa. N'um dos angulos está collocada a torre, de fabrica mourisca, que tem d'altura 364 pés, e no topo uma figura de mulher, de bronze dourado, que, não obstante pezar 34 quintaes, gyra e marca os ventos, donde veio chamarem os hespanhoes á torre *la giralda*. Apesar de tamanha elevação a subida é tão suave que se póde ir acavallo até o lugar dos sinos. Dizem que fôra collocado aqui, no anno de 1400, em presença do rei Henrique 3.<sup>o</sup>, o primeiro relógio fabricado na Hespanha. O fatal terremoto de 1755 a damnificou muito, acha-se porem actualmente reparada.

Não menor admiração provoca a riqueza e a magestade do templo do que a grandeza externa da obra. Oitenta janellas de formosas vidraças de cores espalham a luz sobre pinturas excellentes, nobres estatuas, e altares de prata maciça. Deste metal é grande a abundancia na igreja; as estatuas de S. Isidoro, e de S. Leandro, ambas do tamanho natural, e o sacrario de 12 pés d'altura, adornado de columnas, tudo é de prata. O orgão é superior ao tão famoso de Haarleem, e difficil é de comprehender o effeito da pasmosa combinação de sons que produz. Porem de todos os monumentos e enfeites que illustram esta sé, nenhum ha por certo tão digno de suspender os passos do viajante, como a sepultura de Christovão Colombo, não porque o monumento seja digno de apreço, mas pelas recordações que suscita a singela inscripção que diz assim! *A Castilla y Aragon otro mundo dió Colon.*

Alem da sumptuosa sé conta Sevilha umas 140 igrejas, 564 ruas, e 62 praças entre grandes e pequenas, o palacio do arcebispo, o alcaçar, ou palacio dos reis mouros, outro mui formoso da casa de Medina-Cœli, a bolga ou praça de commercio, a casa da camara, o hospital das *Cinco Chagas*, a casa da moeda, a fundição d'artilharia de bronze, e a fabrica do tabaco, talvez a primeira da Europa, e que é o primeiro edificio de Sevilha (\*). Ha um aqueducto magnifico, que os romanos construíram e os mouros restauraram, que é a principal antiguidade da cidade.

Sevilha foi a capital de um dos quatro reinos de Andaluzia, e hoje o é da provincia do mesmo nome: está sobre o Guadalquivir, por onde sobem até a *Torre d'ouro* navios de pouco porte: conta 90:000 habitantes; os seus arredores são férteis e apraziveis, e nelles se colhe abundancia de azeite, e as saborosas azeitonas, que, postas de conserva, são as melhores do mundo. Antigamente teve grande industria de teares de seda, que, posto que esteja diminuida, não está ainda de todo abatida: ao presente terá uns 160 teares, alguns de laã, fabricas de chapéus, de pentes, e de louça ordinaria, e poucas de cortumes.

A cidade pega com o bairro de Triana por uma ponte de barcas; e é cercada por uma muralha, que uns attribuem aos romanos, e outros aos mouros, com 166 torções e 15 portas. A *alameda* é um excellento passeio.

## TUMULTOS D'EVORA.

(Continuado de pag. 390).

QUANDO as revoltas do Alemtejo e do Algarve pare-

(\*) Veja-se o 2.<sup>o</sup> tomo da Geographia do Sr. Urcullu.

ciam encaminhar-se a seu fim, restabelecendo-se a paz sem novidades custosas, uma intriga da cõrte— intriga entre dois portuguezes, os quaes em verdade maiores inimigos eram de sua patria que os proprios castelhanos—veio alterar de novo os animos, e accarretar novas desgraças sobre o nosso malfadado paiz.

Estas intrigas, começadas por emulação entre Diogo Soares e o conde de Linhares, se haviam convertido em guerra de morte. Cada um delles tinha seus parciaes e clientes nos muitos portuguezes que assistiam na cõrte; ambos elles gosavam do valimento do conde duque, posto que Diogo Soares mais com elle privasse porque era peor que o outro. O secretario do conselho de Portugal triumphou, por fim, do seu illustre adversario. Soube persuadir ao Olivares que o conde não estava seguro na fidelidade á corõa de Castella, e que por isso seria conveniente po-lo em contacto com os revoltosos, podendo-se assim concluir do seu procedimento a certesa ou o infundado das suspeitas que ácerca d'elle havia.

Então o conde de Linhares foi nomeado para vir a Evora prover no modo de acabar de pôr termo ás inquietações populares: nomearam-se tres pessoas para o coadjuvarem, uma das quaes foi o nosso celebre escriptor D. Francisco Manuel de Mello: os outros dois eram D. Alvaro de Mello, e o inquisidor Antonio da Silveira, ambos os quaes tinham grande influencia em Evora. Partiu o conde com instrucções vocaes do conde duque, mas antes de chegar ao seu destino os dois conselheiros que mais lhe poderam servir por sua acceitação ao povo, foram revocados a Madrid, ficando só para o acompanhar D. Francisco.

Emtanto não cessavam os ministros de Castella de prevenir as armas para acabar violentamente com a revolta. Alem das tropas que estavam por Badajoz e Ayamonte, promptas a entrar no reino á primeira vóz, expediram-se provisões ás competentes auctoridades para que todos os commendadores e cavalleiros das differentes ordens militares de Portugal estivessem prestes ao primeiro aviso para ajudarem as tropas castelhanas naquillo que lhes fosse mandado. Emfim, o conde duque enquanto fingia querer concluir brandamente o negocio, mostrava que mui diversos eram os seus verdadeiros intentos.

D. Francisco Manuel enviado pelo conde a Villaviosa a tractar com o duque de Bragança sobre os modos da pacificação geral, voltou de lá com todas as seguranças das boas intenções do duque D. João, e o Linhares chegou finalmente a Evora.

Todos ahí anceavam a paz; mas o povo temia a oppressão. A juncta dos fidalgos recebeu-o com mostras de confiança, os populares com signaes de pouco contentamento. Peior foi quando este patenteou quaes eram as instrucções que trazia.

As pertenções do conde duque consistiam principalmente em querer que os cabeças dos populares, isto é o juiz e o procurador do povo de cada cidade ou villa onde se houvesse levantado o grito da revolta se apresentassem em Madrid, na audiencia d'el-rei, vestidos de sacco, e corda ao pescoço, pedindo o perdão dos sediciosos, o qual lhes seria concedido junctamente com a vida e a liberdade. Estas pertenções eram sem duvida extravagantes em si, ou perversas se encerravam o pensamento occulto de colher ás mãos sem trabalho os principaes amotinados. Seja como for, o juiz e o escrivão do povo d'Evora, que eram ainda os mesmos Sesinando Rodrigues e João Barradas, convieram na jornada, e em que iriam com os das outras terras, debaixo do seguro da palavra real. Expediram-se avisos a toda a parte para que trabalhassem as pessoas influentes, afim de que os juizes e procuradores dos outros logares tomassem

a mesma resolução, devendo todos ajunctarem-se em Evora, d'onde sairiam acompanhados a Madrid por D. Francisco Manuel.

Emquanto se tractava com vigor de resolver as diferentes povoações amotinadas a tomarem aquella resolução, os dois procuradores do povo d'Evora, ou animados por este, ou de seu proprio movimento mudaram de parecer, e declararam que não lhe sendo consentido pelos populares o ir a Madrid do modo que se exigia, estavam resolvidos a quebrar a promessa que só tinham feito pelos seus vivos desejos de restabelecer a paz.

Este inesperado desfeixo accendeu em subido gráu a colera do conde de Linhares, que n'uma derradeira conferencia fez terriveis ameaças, accusando o povo de inconstante, e alludindo á influencia da juncta dos fidalgos de cujos membros alguns tinham incitado os revoltosos a esta mudança, segundo varias desconfianças que havia, no que parece elle se não enganava. Procurou-se depois que os jesuitas trabalhassem por induzir os cabeças do povo a segurarem a primeira resolução; mas saíram frustradas todas as diligencias.

As ameaças produziram nos animos um effeito contrario ao que o conde esperava. Começavam já outra vez a ajunctar-se de noite as companhias do vulgo, e já de dia se atreviam a dizer em publico que se o conde de Linhares não saísse da cidade, elles o fariam sair. Havia-se visto gente armada juncto da casa deste fidalgo, algumas noites antes, quando na do primeiro de Janeiro do anno de 1638, ella foi cercada por muita gente tumultuaria em som de quem pertendia accommette-la. Puzeram-se os de dentro em defesa; mas a cousa não passou a mais, e pela manhã o tropel se dissipou inteiramente. O conde d'ahi a pouco vendo infructiferas as suas diligencias, enviou D. Francisco Manuel a dar conta ao conde duque do occorrido, e recolheu-se a Lisboa.

Tanto que o primeiro ministro recebeu a noticia daquelle successo, só pensou em fazer marchar as tropas da fronteira a tirar vingança dos revoltosos. Recendo-se, porem, de que em Portugal houvessem feito algumas prevenções para a resistencia, foi mandado D. Miguel de Salamanca disfarçado em trajo de peregrino, para examinar se alguma resistencia, e qual, se devia encontrar. Correu o *nobre espia* o reino, viu e notou a força e disposições das provincias do norte, e da d'Alemtejo, e depois entrou em Castella, dando parte de tudo o que vira aos generaes do exercito da fronteira, e sendo confirmadas as suas noticias pelas de varios outros espias.

Parecia que já não havia nenhum remedio ás violencias, mortes, roubos e estragos, que eram d'esperar de um exercito inimigo de portuguezes por espirito nacional, mandado de proposito a opprimir e vexar, e falto de disciplina. Mas as mesmas intrigas e odios que tinham acarretado a tempestade, ajudavam então a minorar-lhe o impeto, e a desfaze-la em parte.

Diogo Soares, que provavelmente previra o resultado da missão do conde de Linhares, folgou de ver que ella fôra á medida do seu desejo. Disso se queria aproveitar para perder o seu emulo; mas para sair com seu intento era necessario lançar o odioso do successo não á conta do povo, mas á falta de habilidade e ao genio arrogante do conde. Esta nova face do negocio que o astuto portuguez fez ver ao valido minorou-lhe a colera contra os revoltosos, sendo assim esta uma daquellas raras intrigas dos poderosos, de que resulta algum beneficio para os pequenos. Emtanto os ministros castelhanos estavam divididos em parcialidades. Uns queriam castigo violento

e prompto para os culpados, outros temiam as consequencias de tal providencia. Os homens mais prudentes do Conselho d'Estado votavam em que se procedesse com muita temperança no punir, ainda que com brevidade, ao mesmo tempo que entendiam ser a mais importante frente deste negocio o prevenir futuras inquietações, porque se carecia de muito tento e politica. Os successos posteriores provaram que este parecer tinha em boa parte prevalecido. Havia-se ordenado á princeza Margarida mandasse um corregedor da côrte a Evora, o que immediatamente se fez, sendo ahi enviado Diogo Fernandes Salema, com os officiaes e gente necessaria para a sua segurança, e para dar força ás suas resoluções. A visinhança do exercito castelhano lhe deu animo para entrar desassombradamente em Evora, e o tirou ao povo para fazer contra elle o menor movimento. Começou o corregedor a exercitar seu officio: Sesinando Rodrigues, e João Barradas foram condemnados á morte como cabeças do motim, e executados em estatua por haverem desaparecido, com grandes pregões de promessas, a quem os entregasse nas mãos da justiça. Alguns do povo, que menos se haviam involvido na revolta, e que por isso se julgavam livres de pena á sombra da sua obscuridade, tambem foram presos, e condemnados, uns á forca, outros a galés, outros, enfim, a desterro perpetuo. A visinhança das tropas castelhanas tinha produzido tal terror nos animos do vulgo, que ninguem ousou oppor-se á severidade das penas impostas aos que haviam sido julgados criminosos.

Peior era a situação do Algarve, posto que não tão culpado, não tendo ahi o alevantamento sido mais que uma imitação, um contagio das revoltas do Alemtejo, e muito menos declarado e violento que nesta provincia. Capitaneava o duque de Medina-Sidonia as forças que estavam por Ayamonte; era seu adjuncto o marquez de Valparaiso, homem de caracter duro e impetuoso. Ou por conselho deste, ou de seu proprio movimento, o duque resolveu entrar no Algarve com as tropas que mandava. Assim o propoz ao governador da provincia, que nisso conveio logo. Emtanto Pedro Vieira da Silva [depois ministro d'estado em Portugal] que fôra mandado para o Algarve ao mesmo tempo que Diogo Fernandes Salema para Evora, prendia, enforcava, e desterrava os miseraveis que lhe caíam nas mãos; seis mil soldados de tropas luzidas, mas indisciplinadas, se acantonavam pela provincia, e commettiam contra os habitantes toda a casta de oppressões, barbaridades, roubos e mortes. Acabados, porem, os processos e execuções, as tropas saíram do Algarve, deixando-o, a bem dizer, assolado.

Emtanto uma especie de juncta formada em Badajoz [quartel general das tropas castelhanas que ameaçavam o Algarve, e que eram commandadas pelo duque de Bejar, e pelos mestres de campo Cardenas, Graneros, e Bocanegra] regulava não só as cousas do exercito, mas influa tambem nas materias politicas e judiciaes, que se tractavam em Portugal. O conde-duque tinha munido esta juncta de grandes poderes; porque sendo composta de homens pouco entendidos em negocios d'estado, era um mero instrumento da sua politica, emquanto por outra parte a vice-regencia de Portugal não fazia mais que cumprir as ordens que de Badajoz lhe eram communicadas.

Fôra em Madrid seguida a opinião dos mais prudentes no conselho d'estado; isto é, tinha-se concluido, que não era tão importante o impôr severos e terriveis castigos aos inquietos, como o tornar impossivel a renovação de semelhantes revoltas, e re-

duzir Portugal a uma provincia, depois de o enfraquecer. Esta idéa converteu-se em pensamento immutavel no animo do conde-duque. A primeira cousa em que se cuidou foi em tirar do reino aquellas pessoas notaveis, que, ou por sua superioridade intellectual, ou por nobreza, ou por jerarchia ecclesiastica, podiam arrastar apoz si a opinião popular. Todavia não era facil tirar de Portugal, depois de uma revolta, as personagens pouco affectas a Castella, e ao mesmo tempo notaveis, sem que facilmente se calculassem os motivos e as consequencias de tal procedimento. Imaginou por isso o conde-duque que chamando conjunctamente para Madrid os fidalgos affeioados ao dominio castelhanao, e aquelles de quem desconfiava, ninguem veria em tal medida um pensamento reservado. A necessidade de formar uma juncta em que se unissem as principaes capacidades de Portugal, para ahi se tractar da reforma e melhoramento de varios ramos de administração, justiça, e fazenda, foi o pretexto da convocação. O arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, e o de Lisboa, o celebre D. Rodrigo da Cunha, aquelle affeioado, e este contrario a Castella, o arcebispo d'Evora, o bispo do Porto, os condes de Portalegre, Sabugal, Miranda e Sancta-Cruz, varios jesuitas, e outros individuos, foram os primeiros chamados; posto que devessem ser muitos mais, não quiz o astuto ministro que conjunctamente saíssem do reino para não causar suspeitas, e para que, enganados com o bom acolhimento feito a estes, os outros mais facilmente caíssem no laço. Dos jesuitas convocados só um se apresentou em Madrid. Este, certamente, não tinha o quarto voto.

A isto seguiram-se levas de tropa d'infanteria e cavallaria, no reino e nos Açores, para irem servir fóra do paiz: ordenou-se mais que os galeões de Portugal fossem entregues a cabos e officiaes castelhanos, e, emfim, determinou-se que se pedissem á casa de Bragança mil vassallos armados para o serviço da corôa. Enfraquecido assim o reino, facil era reduzi-lo á classe de provincia, e tornar impossivel a esta o renovar as tentativas para sacudir o jugo. Tal era o alvo infernal em que o primeiro ministro punha o fito. Seria esta a sorte do nosso paiz, se as circumstancias que concorreram naquella epocha, e a resolução audaz de alguns fidalgos, não tivessem trazido a maravilhosa revolução de 1640.

Os portuguezes que haviam sido chamados a Madrid, andaram muito tempo na côrte, sem que se lhes declarasse o motivo da sua convocação. O conde-duque queria assentar outros negocios da monarchia, antes de tocar no maximo—a incorporação de Portugal na Hespanha. Logo que esses negocios se encaminharam a seu termo, os convocados receberam aviso para irem individualmente a casa de varios ministros castelhanos com o presupposto de conferenciarem. O que se passou nestas conferencias nunca bem veio a lume; porque nenhum dos portuguezes o declarou, ainda depois da separação; mas disse-se — e é provavel — que a proposta, apresentada a cada um delles, fôra a irrevogavel resolução tomada pelo conde-duque ácerca da premeditada mudança politica, e que a elles sómente se pedia conselho sobre o modo mais facil de executar o projecto. Uma circumstancia demorou os effeitos da má vontade do valido, quanto foi necessario para se organizar a conspiração que elevou ao throno portuguez o duque de Bragança D. João.

Receosos os castelhanos de que os brios portuguezes não estivessem ainda inteiramente apagados, debaixo do peso enorme do despotismo ferreo de sessenta annos, quizeram ter no porto de Lisboa forças

maritimas capazes de validar a publicação do acto que tornava Portugal um apanagio da corôa de Castella. Hespanha andava então em guerra com França, e trazia no Mediterraneo uma poderosa armada ás ordens do almirante Oquendo. Esta armada devia vir invernar ao Tejo, e tal era a occasião que o conde-duque escolhera para fazer aquella grande mudança politica.

A esquadra, porem, de Oquendo foi completamente derrotada pelos inimigos. Dahi a pouco rebentou a revolução dos catalães, que tanto fez padecer á monarchia hespanhola. Então os portuguezes, apesar de seu abatimento, reivindicaram a independencia do seu paiz, da qual provaram serem dignos, luctando por meio seculo contra o colosso hespanhol, e obrigando-o por fim a chamar equal e irmão áquelle mesmo povo a quem por sessenta annos chamára escravo.

A. H.

#### MANUSCRIPTOS, E TACHIGRAPHIA DOS ANTIGOS.

Os thesouros litterarios dos antigos, que tem escapado á torrente dos seculos, e que possuímos, tem servido de estimulo aos eruditos para procurarem novos, ou accrescentarem os que já havia com preciosas annotações; o acaso favoreceu tambem a intelligencia activa do seculo 16.<sup>o</sup>; porem apezar do zelo muitos escriptos importantes se esquivaram ao grande movimento intellectual deste seculo, uns em consequencia do modo, seguido pelos antigos, de escrever e conservar os manuscritos, e outros em resultado do descuido e ignorancia dos encadernadores e bibliothecarios.

Com effeito os antigos ajunctavam em um só volume obras inteiramente dissimilhanes, e por exemplo um medico que comprava a livraria de um letrado muitas vezes lhe succedia unir em um só volume um Tractado de Galeno e uma collecção de leis civis, &c. &c. — Se esta livraria assim arranjada ia dar um seculo depois ás mãos de um bibliomaniaco, este a arranjava a seu gosto inserindo-lhe ás vezes poemas e outras obras segundo lhe aprazia, a esta confusão accresceu a dos bibliothecarios e encadernadores, os quaes para completarem um volume junctavam ás vezes as obras mais dissimilhanes. Neste cahos das antigas livrarias não admira que escapassem muitas obras; mas não é só das bibliothecas que nos vieram obras preciosas, é do seio da terra onde dormem as ruinas dos imperios, é do logar onde estão enterradas as duas cidades ao pé do Vesuvio que nos vieram preciosas descobertas: á vista dos papyros d'Herculano não se sabe qual se deve admirar mais, se esta resurreição do primeiro seculo da era christã, se os costumes, usos, litteratura e architectura destes tempos, se a paciencia, zelo e industria de toda uma geração de sabios, que não se cançaram de interpretar os pensamentos dos antigos nestas pelliculas calcinadas, e que o mais leve assopro de vento podia elevar aos ares e inutilisar. Uma das primeiras obras dadas á luz, tirada das excavações d'Herculano, foi um Tractado de Philodemo sobre musica; este Philodemo era contemporaneo de Cicero, que louva mais os seus talentos do que os seus costumes. Depois descobriram-se muitas obras de Epicuro, algumas obras latinas, entre estas um poema bem interessante sobre a expedição de Cesar ao Egypto. Tudo isto fazia esperar muitas riquezas litterarias; porem infelizmente os relatorios da Sociedade Herculaniana diminuíram esta esperanza: o rio de lava que cubriu a cidade de Herculano formou camadas excessivamente

duras; as erupções posteriores do Vesúvio as augmentaram, de sorte que as excavações exigem um trabalho lento e dispendioso em extremo, acontecendo muitas vezes que depois de um grande trabalho para se descobrir um livro, este se reduz a pó assim que lhe toca o ar. Portanto para a outra cidade, a de Pompeia, cujas excavações dão menos trabalho, se voltam as esperanças dos eruditos. Verdade é que até agora não se tem encontrado manuscritos, e as obras do desentulho vão tão vagarosas que talvez só os nossos netos poderão alcançar noticia de alguma descoberta que venha a fazer-se com o decurso de tempos.

Outra mina se abriu á curiosidade dos filólogos, e é a dos manuscritos stenographicos dos antigos e da idade média; a corporação tão celebre dos beneditinos nos deixou importantes instrucções sobre a natureza e importancia destas riquezas litterarias: lê-se em um dos seus Tractados [a Sciencia dos Diplomas] o seguinte: — Ha cincoenta annos que os sabios se cansam em entender a lingua e a escripta dos antigos etruscos; mas ninguem tentou ainda decifrar as = Notas de Tiron = queremos dizer a escripta stenographica inventada, diz-se, por Tiron, liberto e secretario de Cicero. Plutarco na vida de Catão de Utica diz que Cicero desejando ter o texto dos discursos que havia de pronunciar no senado por occasião da conjuração de Catilina, chamou alguns escreventes que escreviam com muita ligeireza, e os ensinou a fazer certas notas e abreviaturas de sorte que em poucas letras eram representadas muitas palavras; assim industriados os collocou em certos logares da salla do senado para o verem e ouvirem, e escreverem exactamente o que pronunciasse. Ausonio em um dos seus epigrammas nos diz que era tal a rapidez dos escreventes que colligiam os discursos dos oradores nas assembleas do povo e nos tribunaes, que muitas vezes não era passada uma hora depois de proferida a ultima palavra, e todo o discurso era já escripto e publicado. Este modo de escrever foi muito commum no Baixo-Imperio e na idade média. Muitos sabios e muitos soberanos attenderam a este methodo: o cardeal Bembo e o papa Julio 2.<sup>o</sup> encarregaram a varios eruditos a decifração de taes escriptos. Depois de muitas tentativas infructuosas, finalmente no fim do seculo 15.<sup>o</sup> o sabio Trithemio obteve de um superior do seu mosteiro um lexicon das notas de Tiron, e achou igualmente na livraria do cabido de Strasburgo um livro de psalms stenographado, e com o auxilio destes dous livros pôde decifrar a escripta; mas desde essa epocha até ao anno de 1817 não appareceu obra alguma importante sobre esta materia: neste anno foi estampada em dous volumes de 4.<sup>o</sup> uma obra celebre de M. Kopp com o titulo seguinte: — *Tachygraphia veterum exposita, et illustrata ab Ulrico Fred. Kopp. Manheim 1817.* — O 1.<sup>o</sup> vol. contem a historia da arte, a analyse e a synthese dos signaes, em summa a arte tachygraphica; o 2.<sup>o</sup> encerra um dictionario completo da stenographia antiga, com doze mil signaes ou palavras dispostas em ordem alphabetica; tudo isto é sufficiente para se entenderem as Notas de Tiron.

Mas a mina mais preciosa é a dos palimpsestos (\*) manuscritos, cuja origem é descripta do modo seguinte por um erudito, em uma dissertação sobre os papyros, inserta nos registos da Academia Real das Inscriptões e Bellas Letras tom. 6.<sup>o</sup>, onde se lê o seguinte: — No seculo 12.<sup>o</sup> os gregos achando grande difficuldade em haver á mão pergaminhos para

os livros das suas igrejas, imaginaram raspar as letras dos antigos manuscritos, e assim o praticaram, de sorte que deste modo as obras de Polibio, de Dion, de Diodoro de Sicilia, &c. &c. foram transformadas em livros de psalms, em rituaes e livros de antifonas, &c.; porem isto n'alguns foi tão mal executado que se via ainda a letra antiga. — Dioscorides nos deixou a receita da tinta dos antigos, que consistia n'uma mistura de gomma e pós de çapatos, tudo dissolvido em agua commum. — No tempo de Plinio lançavam na tinta um pouco de vinagre para lhe dar mais tenacidade, e pouco depois lhe ajunctavam mais o acido vitriolico. Com esta tinta foram escriptos os textos primitivos dos palimpsestos, assim chamados de duas palavras gregas que significam = duas vezes esfregados =; porque com effeito o pergaminho era esfregado duas vezes com a pedra pomes antes de se escrever nelle. Quanto mais antigos são os manuscritos palimpsestos, melhor uma infusão de noz de galha faz sobresahir os caracteres apagados e raspados, e isto pela razão seguinte: — os antigos escreviam, como dissemos, com uma tinta em que entrava gomma, a penna de escrever de que se serviam era feita de canna aparada grosseiramente, as folhas da escripta eram postas ao ar para seccarem; deste modo a escripta larga e espessa, fazia que as particulas causticas da tinta penetravam em todo o pergaminho e o saturavam; em consequencia pois deste conhecimento da tinta e modo de escrever se procedeu a empregar a tinta chamada sympathica. O modesto e sabio Angelo Maio, bibliothecario do Vaticano, foi o que fez mais descobertas desta especie; vejamos o que o mesmo diz a este proposito: — « Examinando muitos manuscritos da bibliotheca Ambrosiana de Milão observei que um delles, que parecia ser de mui remota antiguidade, era um palimpsesto; vi que tinha sido do convento de Bobio na Liguria fundado por S. Columbano no anno de 612; o manuscrito tinha as obras do poeta christão, Sedulio; fitando mais os olhos, e observando com muita attenção, descubri vestigios d'uma escripta mais antiga, eram as orações de Cicero, que tinham sido apagadas e raspadas: li os titulos e achei as — *pro Scauro, pro Tullio e pro Flacco* —, e pude, ainda que com difficuldade, decifrar fragmentos destas orações; a escripta era larga e bella, em tres columnas por pagina, e tinham notas em letra mais pequena mas elegante. » — O grande fragmento da Republica de Cicero foi descoberto por M. Maio debaixo de um commentario de Sancto Agostinho sobre os psalms. M. Maio decifrou e publicou muitos palimpsestos de Plauto, de Themistio, de Isocrates, de Symmaco, de Porphirio, de Philon, de Eusebio, e os ultimos livros das Antiguidades Romanas de Dionisio de Halicarnasso. Em summa, de todas as minas abertas ás sciencias pelos cuidados e fadigas dos philologos e dos archeologos, a que parece mais fecunda, ainda que difficil, é a dos palimpsestos, bastando um processo chimico muito simples para reproduzir as obras primas que se julgavam sepultadas na tenebrosa noite dos tempos. — (*Extrahido da Revista de Edimburgo por X. d'A.*)

#### APOLOGIA DOS PEIXES.

FALLANDO dos peixes Aristoteles diz que só elles entre todos os animaes se não domam, nem domesticam. Dos animaes terrestres o cão é tão domestico, o cavallo tão sujeito, o boi tão servical, o bogio tão amigo, ou tão lisongeiro, e até os leões e os tigres

(\*) Vide sobre os palimpsestos descobertos por M. Carlos May a pag. 367 deste vol.

com arte e beneficios se amansam. Dos animaes do ar, afora aquellas aves que se criam e vivem connosco; o papagaio nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrario lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pégos, lá se escondem nas suas grutas, e não ha nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja delle. Os auctores communmente condemnam esta condição dos peixes, e a deitam a pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui differente opinião. Não condemno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fóra natureza, era grande prudencia. Peixes quanto mais longe dos homens, tanto melhor: tracto e familiaridade com elles, Deus vos livre. Se os animaes da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiolla: diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadeia: vá com elle á caça o açor, mas nas suas prisões: faça-lhe bufonarias o bogio, mas no seu cepo: contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trella: preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro: glorie-se o cavallo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espóira: e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne, que não caçaram no bosque, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto, vós peixes, longe dos homens e fora dessas cortesias, vivireis só comvosco, sim, mas como peixe na agua. . . . Mas ainda que o ceu e o inferno se não fez para vós, dou fim a vossos louvores com vos dar as graças do muito que ajudaes a ir ao ceu, e não ao inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentaes as Cartuchas e os Bussacos, e todas as sanctas familias, que professam mais rigorosa austeridade: vós os que a todos os verdadeiros christãos ajudaes a levar a penitencia das quaesmas: vós aquelles com que o mesmo christo festejou a sua paschoa as duas vezes que comeu com seus discipulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animaes terrestres de fazer esplendidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriae-vos de ser companheiros do jejum e da abstinencia dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e sympathia com a verdade, que prohibindo Deus no jejum a peor e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só logar vos deram os astrologos entre os signos celestes; mas os que só de vós se mantem na terra, são os que teem mais seguros os logares do ceu.

Vieira — Sermões. Tom. 2.<sup>o</sup>

*Diario da Navegação da Armada, que foi á Terra do Brazil em 1530 sob a capitania-mor de Martin Affonso de Sousa, escripto por seu irmão, Pero Lopes de Sousa. — Publicado com importantes documentos, elucidações e notas pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. — Lisboa, Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1839. — um vol. 3.<sup>o</sup> francez, com o retrato de Martin Affonso. — Edição nitida.*

DESDE o principio da monarchia portugueza os nossos maiores praticaram illustres feitos d'armas, ora libertando o territorio do jugo dos arabes invasores, e conquistando patria, ora mantendo a integridade

desta e a independencia nacional contra as insidias e ambições da nação visinha; por mais gloriosos podem que fossem os primitivos tempos da nossa historia, não foram elles os que deram nome aos portuguezes no universo; as proezas militares e as acções generosas sepultavam-se por archivos e tradições, de que hoje colhemos apenas escaças memorias; não pesavam, por assim dizer, na balança geral da Europa, que, agitada por muitas e diversas causas, olhava pouco para este torrão occidental. Mas quando os nossos ousados navegadores influiram nos destinos do mundo, abrindo por seus descubrimentos novas e estranhas vias ao commercio, e patenteando regiões incognitas, o restante da Europa fitou com admiração os olhos no pequeno Portugal, e quando viu o progresso da nossa marinha, o incremento das nossas colonisações e conquistas, as riquezas que dellas extrahiamos, não podendo roubar-nos a presa, porque eramos unidos e fortes, veio amigavelmente aproveitar-se dos sobejos que lhe largavamos. Foi essa a epocha da nossa gloria mais esplendida: senhareavamos os mares, dictavamos leis ao oriente, ganhavamos vastos e productivos terrenos na America, impunhamos terror á Africa, eramos respeitados na Europa, e tremulava o pendão das quinas até nesses remotos archipelagos, que depois se viriam a chamar a Oceania: foi essa a epocha que votou ás paginas da historia universal e ao assombro da posteridade o nome portuguez.

Salvar, portanto, da noute do esquecimento as reliquias que attestam tão heroicos esforços, tamanho esplendor e prosperidade, é ao mesmo tempo inaugurar padrões á memoria de nossos antepassados, desenterrar titulos honrosos para nós seus descendentes, e prestar um serviço real á historia. Ninguem contestará a utilidade da publicação dos ineditos, que provam ou a prioridade ou a importancia dos nossos descubrimentos; por isso ninguem recusará o devido tributo de louvor aos litteratos que não poupam fadigas, nem diligencias para os tirar á luz, e multiplicar as copias por meio da maravilhosa arte da impressão.

O Sr. Varnhagen, já conhecido por outro escripto de mui laboriosa investigação, é credor dos nossos elogios, não só por ter publicado o *Diario de Pero Lopes*, appresentando o texto na maior pureza, como pelo ter adornado com eruditas notas em que averigua a synonymia de varios pontos maritimos, confrontando as observações e mappas antigos com os modernos, e em que resolve outras questões geographicas e historicas, como a rigorosa data do descubrimento da ilha de Fernão de Noronha, a rehabilitação do credito de Americo, e as provas de que os portuguezes descobriram o Rio de Janeiro trinta annos antes do que até hoje corre pelos livros, e visitaram o Rio da Prata primeiro que os hespanhoes, a quem se attribue este descubrimento. Alem destas curiosas disquisições o Sr. Varnhagen enriqueceu as suas notas com importantes documentos, pela primeira vez impressos, e copiados fielmente do R. Archivo da Torre do Tombo. Precedem ao inedito as noticias biographicas dos dous irmãos, Martin Affonso de Sousa e o auctor Pero Lopes de Sousa.

Finalmente, este Roteiro, á vista das obvias considerações que expuzemos e da breve noticia que damos, mercede o acolhimento dos estudiosos e dos amantes da gloria nacional: mas como não ha melhor meio de conhecer um livro do que lê-lo, copiaremos as tres seguintes passagens, que os limites do nosso jornal toleram, até para que se veja que a linguagem do auctor não desdiz do seculo em que este escreveu, e que por abundante em termos ma-

ritimos poderá servir de norma classica aos que exercitarem a penna em taes assumptos.

#### Fundeado na Bahia de Todos-os-Sanctos diz o A. =

«Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as náus, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achámos um homem portuguez, que havia 22 annos que estava nesta terra, e deu rasão larga do que nella havia. Os principaes homens da terra vieram fazer obediencia ao capitão; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailes; mostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitão lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra é toda alva; os homens mui bem dispostos, e as mulheres mui formosas, que não hão nenhuma inveja ás da Rua Nova de Lisboa. Não tem os homens outras armas senão arcos e frechas; e cada duas leguas tem guerra uns com os outros. Estando nesta bahia no meio do rio pelejaram cincoenta almadias de uma banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz sessenta homens, todas apavezadas de pa-vezes pintados como os nossos: e pelejaram desde o meio dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros captivos, e os matavam com grandes ceremonias, presos por cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: não tem nenhum modo de physica: como se acham mal não comem, e poem-se ao fumo; e assim pelo conseguinte os que são friados. Aqui deixou o capitão dous homens, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.»

#### Descrevendo o paiz visinho á margem septentrional do Rio da Prata, prosegue o A. =

«Na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: achavamos tanto que o não queriamos: e ha cardos, que é mui bom mantimento, e que a gente folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos suster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde; — duas horas de sol, com tenção de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de seis braças d'areia limpa. Sendo duas leguas d'onde partíra, sahiram da terra a mim quatro almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bergantim para esperar por ellas: remavam-se tanto que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pau tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil côres; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo, senão com muito prazer abraçando-nos a todos: a falla sua não entendiamos; nem era como a do Brazil; fallavam do papo como mouros: as suas almadias eram de dez, doze braças de comprido e meia braça de largo: o pau dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com umas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de pennas; e remavam cada almadia quarenta homens todos em pé: e por se vir a noite não fui ás suas tendas, que pareciam em uma praia defronte d'onde estava; e pareciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que não queria ir, mandaram uma almadia por pescado: e foi e veio em tamanha brevidade que todos ficámos espantados: e deram-nos muito pescado: e eu mandei-lhes dar muitos cascaveis e cristallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tanto prazer, que parecia que queriam sahir fóra do seu siso: e assim me despedi delles.»

Mais adiante tractando o A. da terra dos carandins, cento e tantas leguas da foz do Rio da Prata, até onde elle subiu, achámos que a descreve do seguinte modo. =

«Esta terra dos carandins é alta ao longo do rio; e no sertão é toda chaã, cuberta de feno, que cobre um homem: ha muita caça nella de veados e emas, e peradizes e codornizes; é a mais formosa terra e mais aprazível, que pode ser. Eu trazia comigo allemães e italia-nos, e homens que foram á India e francezes, — todos eram espantados da formosura desta terra; e andavamos todos pasmados que nos não lembrava tornar. Aqui neste estreito tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tão bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que um homem coma dez libras de peixe, em as acabando de comer, parece que não comeu nada; e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio é tão bom que nenhuma carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne dez, doze dias sem sal, e não fedia. A agua do rio é mui saborosa; pela manhã é quente, e ao meio dia é muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Não se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.»

«Sexta feira treze de Dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por onde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á pôpa, que hia tão toso, que cada hora tres, quatro leguas. Sendo a par das Ilhas dos Corvos, de entre um arvoredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e sahíu a nós um homem, á borda do rio, cuberto com pelles, com arco e frechas na mão; e fallou-nos duas ou tres palavras guaranis, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a fallar na mesma lingua, não entendeu: senão disse-nos que era *bequodá chaná*; e que se chamava *Yhandú*. E chegámos com o bergantim a terra, e logo vieram mais tres homens e uma mulher, todos cubertos com pelles: a mulher era mui formosa; trazia os cabellos compridos e castanhos: tinha uns ferretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça uns barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhes entendemos que estava um homem com outra geração, que chamavam *chanás*, e que sabia fallar muitas linguas; e que o queria ir a chamar, e estava lá diante pelo rio-arriba; e que elles iriam e viriam em seis dias. Então lhes dei muitas cristallinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada um delles seu barrete vermelho; e á mulher uma camisa: e como lhes isto dei, foram a uns juncaes, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me ao bergantim pescado e taçalhos de veado, e uma posperna d'ovelha; mas não ousavam de entrar dentro no bergantim, nem seguravam connosco. E assim se foram, dizendo que haviam de vir dahi a cinco dias, e os esperassem nas ditas Ilhas dos Corvos. Aqui estive seis dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás náus. Como vi que não vinham, ao cabo dos seis dias me parti quarta feira dezoito dias de Dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, por onde entrára: e allí atirei muita artilharia a ver se me acudia gente.»

Não sendo possível apresentar-mos mais extractos desta publicação interessante, convidámos os entendedores e todos os interessados na gloria nacional a que pela propria leitura se convençam de que nem exaggerámos, nem lisongeámos. Oxalá que os eruditos dedicassem as suas vigílias a trabalhos semelhantes, porque ainda muitas preciosidades existem sepultadas por livrarias e archivos, que tiradas á luz publica enriqueceriam a nossa litteratura, e seriam uma fonte perenne de gratas recordações e de proficuos exemplos. A Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis entre os empenhos, em que o seu instituto a envolve, tem muito a peito o descubrimto e a vulgarisação de nossos thesouros litterarios, e se obstaculos, que della por certo não dependem, tem retardado o cumprimento de seus desejos, continúa todavia a diligenciar leva-los a effei-

to, e em breve estará habilitada para dar principio a tão util empreza.

No JORNAL do Instituto Historico de Paris do mez de Setembro deste anno vem a seguinte anecdota, que nos pareceu singular, e digna de ser conhecida.

Um inglez fez uma viagem á Italia expressamente para examinar o estado das excavações das duas cidades de Herculano e de Pompeia; achou em Pompeia 15 operarios e 15 bestas muars trabalhando: o inglez pediu auctorisação para habitar por 15 dias aquella cidade, que sendo-lhe concedida passou a reparar uma casa que recentemente tinha sido desentulhada, arranjou-a completamente segundo o estilo antigo romano, entrou depois para ella com toda a sua familia, criados, &c. Vestiu-se e fez vestir todos á maneira dos romanos, e durante os 15 dias comeu e viveu como um verdadeiro cidadão de Roma; para tudo ser conforme, as suas leituras eram só de livros classicos latinos. — Este facto passou-se no mez d'Agosto de 1839.

ACHAVA-SE Napoleão em Fontainebleau, á sua volta de Vienna, e alli, em presença do corpo diplomatico e de toda a corte, virando-se para o conde da Ega lhe disse: "Senhor conde, estou summamente satisfeito com os portuguezes, pelo grande valor que desenvolveram nesta campanha (\*): melhores soldados de certo não os ha na Europa."

NA marcha de Smolemk para Borodino, passando Napoleão acavallo juncto ás tropas de Ney, acertou de ver que os portuguezes iam na testa da columna, e fazendo a este respeito algumas observações ao marechal, este lhe respondeu: "Sim, senhor, os portuguezes são os nossos guias, e aquelles que os seguirem não se desviarão, por certo, do caminho da honra."

Não louvamos muito a homens que dão rasão de toda a historia grega e romana, e se lhes perguntaes pelo rei passado do reino em que vivem, não lhe sabem o nome. — *Barros.*

#### PAIZ SEM MODAS.

UM só paiz ha aonde nem o nome — moda — se conhece: é esse o Japão. Por mais de vinte e cinco seculos conservaram os japonenses o mesmo modo de vestir em todas as classes da sua numerosa povoação, sem ter soffrido a menor alteração. O monarcha e seus ministros, os chefes e subalternos, os amos e criados, homens e mulheres todos usam a bata ou saial tanto em publico como em particular. Consiste este traje n'um sacco ou opa comprida e larga, preza á cinta com uma fxa tambem larga, que dando duas voltas ata-se n'uma laçada adiante se a pessoa é casada, e atraz se é solteira; distinguindo-se assim os dous estados na vida social. A differença toda consiste na qualidade da tela e no numero das opas. Os nobres e ricos vestem seda mui fina, e trazem dez ou vinte umas sobre outras, e tão subtis que não chegam ao peso de uma de panno ordinario: a gente da classe média traz duas ou tres d'algodão fino, e os pobres vestem apenas uma de tecido grosseiro. Pelo que fica dito se vê que só os japonenses tem um traje verdadeiramente nacional.

(\*) A de Wagram.

#### THEOREMAS DE PLATÃO A' CERCA DO HOMEM.

A IGNORANCIA, negligencia, e arrogancia, que vivem commumente associadas são a peste da natureza humana.

Ha duas especies de ignorancia:—uma vergonhosa que consiste em presumir saber o que se não sabe; outra innocente, e é quando conhecendo a nossa ignorancia, nos sujeitamos aos dictames dos nossos mestres.

As pessoas divergentes em qualquer opinião não podem decidi-la sinceramente, porque a verdade é uma só, e sempre está de acordo consigo.

Despresar a sciencia ou arte que ignorâmos, é um erro pernicioso.

O fim do estudo e disciplina moral é dar-nos os meios de viver-mos felizes.

Se quizer-mos conseguir este bem, cumpre que busquemos os meios de nos conservar-mos.

Não podemos conhecer o nosso ser sem que procuremos ter conhecimento de Deus.

A alma serve-se do corpo como de instrumento indispensavel para as suas operações, e por isso Deus lhe deu sobre este um imperio absoluto.

A alma só poderá conhecer-se contemplando-se:— a sabedoria é a sua melhor qualidade.

O conhecimento proprio é o meio de governar felizmente a republica, e as familias. Não nos conhecer-mos é, pelo contrario, um mal, tão prejudicial ao estado como aos particulares.

Sem cuidado mui attento em nossas cousas, não é facil regular-mos bem a vida.

O melhor conselho nas deliberações publicas não é o que parecer mais conveniente, mas o que for mais justo.

A piedade é a base da virtude, e a virtude o fundamento das republicas, e da vida humana.

O dominio da virtude é uma verdadeira liberdade, e a submissão ao vicio a mais perniciosa escravidão.

Para executar bem qualquer cousa cumpre ter della um verdadeiro conhecimento; porque a sabedoria é a base de toda a perfeição.

Na republica são mui varios e multiplicados os graus e condições; e sem que uns e outras estejam bem definidos, e circumscriptos nos seus limites, não podem contribuir para a conservação do bem publico.

A justiça é a base da boa ordem; e convem por isso que cada qual obre só o que for justo e de equidade.

*Extrahido do Alcibiades.*

O que a todos pertende agradar em suas acções, incommodar-se-ha, sem que a ninguem satisfaça.

CALLA-TE quando se tratar de assumpto que ignores, e falla modestamente se a questão versar sobre materia de que entendas.

 A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis avisa aos Srs., que pertendem collecções completas deste jornal, que está reimprimindo os N.ºs que faltam. Logo que as collecções estejam inteiradas o fará publico por um annuncio.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.